

## **Voltamos...**

Nesta segunda edição gostaríamos de agradecer a todas as manifestações de apoio que recebemos das pessoas que tiveram contato com o primeiro exemplar do **InformÁFRICATIVO**, e dizer da importância dos seus comentários, análises, críticas e sugestões. Agora com a continuidade das publicações, o desafio é apresentar fragmentos do repertório da História da África, que possa contribuir e modificar o cotidiano da escola. Afinal, conhecer a História da África e valorizá-la é condição fundamental para compreender a História da Humanidade. Neste sentido vai muito além de uma imposição legal é sobretudo, uma possibilidade para compreender a sociedade em que vivemos e buscar caminhos para um futuro e presente melhores para todas as pessoas do planeta. Assim encontro nos fragmentos de textos abaixo, contribuições que ajudam a pensar alguns aspectos destes estudos:

“Diversos aspectos justificam a importância e a necessidade do movimento negro. A primeira justificativa é independente da existência de uma sociedade racista. A questão da identidade racial, na qual estão incorporadas formas culturais e sociais de origem afro-brasileira, implica existência de um movimento associativo que aglutine as nossas manifestações próprias e as explicita como contribuição à formação da sociedade mais ampla. Exemplo disto são as diversas associações existentes com origem nas populações vindas de países como Japão, Alemanha, Itália ou mesmo com significados regionais como as sociedades nordestinas e gaúchas.

Em outros aspectos, a existência de um movimento negro tem um sentido político mais amplo e aí se integra no contexto das lutas de classe, quando partimos da origem escravocrata e racista da sociedade. Neste sentido, o movimento negro é uma forma de luta que enriquece a percepção da realidade brasileira e aponta para alternativas de formulação de propostas.”( Henrique Cunha Junior)

“Atualmente, na sociedade brasileira, têm-se a percepção de que o negro só pode ascender socialmente através do esporte e da arte. Portanto, os modelos para os negros provavelmente vêm desses dois tipos de atividades. Pesquisas mostram em alguns casos que “quando, numa população o número de modelos sociais e econômicos (pessoas que sejam pelo menos de “classe média”) chega a uma proporção muito baixa (algo em torno de 5%), a violência, o consumo de drogas, o abandono escolar e a gravidez na adolescência crescem explosivamente” (Sell, op.cit., há outras pesquisas no mesmo sentido comentadas nesta obra). Portanto, privar os negros brasileiros da esperança de conquistar um lugar ao sol também tende a mantê-los na situação marginal em que se encontram.”(Mauricio Henrique Romano Tragtemberg).

Nesta busca é que estamos cada vez mais nos empenhando para construir um trabalho cotidiano de valorização das diferenças étnicas na escola e procurando consolidar uma prática pedagógica com repertório amplo sobre a História da África, questionando os estereótipos, e buscando diversas possibilidades de diálogos.

Assim neste segundo exemplar do INFORMÁFRICATIVO, destacamos uma contribuição do professor Sergio Casimiro, professor de português, que aponta uma leitura sobre o preconceito linguístico, apresentamos um breve comentário das professoras Soraia e Luzia (FUMEC) sobre um trabalho com vídeo, o texto Magia Negra de Sergio Vaz e um comentário de alunos a respeito do vídeo Um Sonho Possível.

### **Ações Pedagógicas** **“As aventuras de Azur e Asmar”**

Quando pensamos num mundo melhor, pensamos em igualdade de condições, nos vários segmentos da sociedade.

Sendo assim, precisamos através da educação, contribuir para a formação de pessoas competentes, respeitadoras, felizes, sem preconceitos. Afinal, a formação do povo brasileiro é assim, “misturada”!

Neste sentido trabalhamos com os nossos alunos da FUMEC, o filme “As aventuras de Azur e Asmar”, que retrata o preconceito de ser loiro de olhos azuis, fora da sua terra natal, onde todos são negros.

O filme é belíssimo, rico em detalhes e nos mostra que o mais importante é o amor e o respeito entre as pessoas. Luzia Márcia Festa – Ciclo I e Soraia Guimarães – Multiciclada (FUMEC) 24/07/2012

#### **"MAGIA NEGRA"**

Sérgio Vaz

Magia negra era o Pelé jogando, Cartola compondo, Milton cantando. Magia negra é o poema de Castro Alves, o samba de Jovelina...

Magia negra é Djavan, Emicida, Mano Brown, Thalma de Mreitas, Simonal. Magia negra é Drogba, Fela kuti, Jam. Magia negra é dona Edith recitando no Sarau da Cooperifa. Carolina de Jesus é pura magia negra. Garrincha tinha duas pernas mágicas e negras. James Brown. Milton Santos é pura magia. Não posso ouvir a palavra magia negra que me transformo num dragão. Michael Jackson e Jordan é magia negra. Cafu, Milton Gonçalves, Dona Ivone Lara, Jeferson De, Robinho, Daiane dos Santos é magia negra. Fabiana Cozza, Machado de Assis, James Baldwin, Alice Walker, Nelson Mandela, Tupac, isso é o que chamo de magia negra.

Magia negra é Malcon X, Martin Luther King, Mussum, Zumbi, João Antônio, Candeia e Paulinho da Viola. Usain Bolt, Elza Soares, Sarah Vaughan, Billy Holliday e Nina Simone é magia mais do que negra. Eu faço magia negra quando danço Fundo de Quintal e Bob Marley. Cruz e Souza Zózimo, Spike Lee, tudo é magia negra neles. Umoja, Espírito de Zumbi, Afro Koteban... É mestre Bimba, é Vai-Vai, é Mangueira todas as escolas transformando quartas-feira de cinza em alegria de primeira. Magia negra é Sabotage, MV Bill, Anderson Silva. Pepetela, Ondjaki, Ana Paula Tavares, João Mello... Magia negra.

Magia negra são os brancos que são solidários na luta contra o racismo. Magia negra é o RAP, O Samba, o Blues, o Rock, Hip Hop de Africabambaataa. Magia negra é magia que não acaba mais. É isso e mais um monte de coisa que é magia negra. O resto é feitiço racista.

## **Língua, poder e discriminação.**

**Prof. Sérgio Casimiro – Língua Portuguesa**

Circula no censo comum uma série de dizeres sobre a língua que traduzem grandes preconceitos, além de uma visão quinhentista de língua. É muito comum ouvirmos por aí muita gente dizer que alguém “não sabe falar”, que fulano só “fala errado”, que tal pronúncia é “feia” ou que falar de tal forma “dói o ouvido”. Todas são frases que partem de uma concepção de língua arcaica e não científica, todas sustentam perversos mecanismos de segregação e discriminação. Isso nos mostra que língua e poder não estão separados.

Antes de qualquer coisa, devemos entender o que é língua e como é uma língua. Língua, de acordo com as teorias linguísticas mais modernas, nada mais é do que um instrumento de interação social. E por seu caráter social, a linguagem está sujeita a uma série de fenômenos que reproduzem o modo como seus falantes se relacionam. As línguas se caracterizam principalmente por serem passíveis de variação e mudança, que inclusive são objeto de estudo da Sociolinguística, área da ciência da linguagem que se ocupa das relações entre língua e sociedade. Sendo assim, nenhuma língua (e isso inclui o português) é homogênea, nem estática. Elas são constituídas de diferentes formas de falar (seja na pronúncia, seja no léxico, seja na gramática), chamadas de variantes, e todas as línguas mudam com o passar do tempo.

Reconhecem-se, no português falado no Brasil, por exemplo, pessoas que falam “pobrema”, “arvre”, “paciença”, “comeno”, “cunzinha” e outras que falam “problema”, “árvore”, “paciência”, “comendo” e “cozinha”, assim como pessoas que falam “os menino esperto” e outras que falam “os meninos espertos”. Cada uma dessas formas corresponde a expressões possíveis de um falante nativo de nossa língua. No entanto, muitos associam à forma tida como “cultura” ou “padrão” como sendo a “única” forma de se dizer, ou a “mais correta”. Há uma ilusão de que a língua portuguesa é somente a língua tida como “padrão” e que as demais formas deveriam ser apagadas, pois seriam “erradas” ou “feias”. Isso acontece justamente por conta da relação de prestígio e estigma associada a cada variante. Atribui-se prestígio a quem faz uso da língua padrão, falada geralmente por pessoas escolarizadas e de poder econômico, e as demais variantes, faladas por pessoas que não detêm de poder econômico, nem “status” social, são estigmatizadas. Abre-se espaço aqui para o que os linguistas chamam de preconceito linguístico, que é justamente quando algum falante é discriminado, rejeitado, ridicularizado pela sua forma de falar.

Há quem pense que não existe uma lógica linguística nas formas de falar de pessoas mais simples, menos escolarizadas. Muito pelo contrário, muitas pesquisas científicas têm sido feitas para descrever o português tal como ele é empregado pelos falantes nativos no Brasil (que se difere bastante do Português Europeu), haja vista projetos como a “Gramática do português falado”, coordenada pelo professor Ataliba Castilho da UNICAMP. Não se trata, então, de ignorância, nem de preguiça de tais falantes, tais formas representam muitas vezes determinados fenômenos de mudança da língua ou fases anteriores.

Não é de se estranhar que a língua seja usada como mecanismo de dominação e exclusão, tão típicas das relações sociais. A forma de falar que detém de prestígio social é justamente a que corresponde à fala de pessoas letradas, que vivem em meio urbano e com poder econômico. Por sua vez, as variantes de pessoas não letradas, que vivem no meio rural e de baixo poder aquisitivo são extremamente estigmatizadas. É aqui que cabe o papel da escola: permitir que os cidadãos ampliem seu repertório verbal (isso inclui o caso de quem não domina a forma culta, a aprenda para empregá-la quando necessário), e também mostrar e conscientizar as pessoas de que não existe uma forma de falar melhor que a outra, de que ninguém fala “errado” ou “feio”, de que o português do Brasil não é um só e nem o português de Portugal é mais “culto” que o do Brasil. Enfim, certos mitos que precisam ser derrubados para que se possa combater o preconceito linguístico e toda forma de discriminação e exclusão instrumentalizadas no censo comum.

### **Um Sonho Possível**

Relato dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, sobre o vídeo assistido dia 02/08/2012, Um Sonho Possível. Após assistirem o vídeo os alunos do 2º termo A, Roney Alves de Souza, Maiki Willa Florêncio de Melo e Fabiano dos Santos Lopes, foram provocados a produzir um relato do entendimento do vídeo, assim descrito por eles:

“Um menino pobre, que vivia nas ruas e sua família eram traficantes. Ele começou a estudar e na escola ele era muito tímido e os alunos eram preconceituosos com ele e todo mundo terminou a redação e ele continuou na sala por que ele não tinha terminado. Na sua redação tinha um menino num barco. E ele foi embora e estava fazendo muito frio e uma mulher ao passar com o marido dela avistou o menino com muito frio. Ela falou para o marido isso é roupa de frio. Ela perguntou ao filho se aquele menino não é seu amigo? E o filho respondeu que sim. Esse é o Big Maicon. Ela falou para o rapaz entrar no carro e levou ele pra casa dela e perguntou se ele queria dormir na casa dela. Ele então entrou no carro e passou a noite na casa da senhora. Ela perguntou se ele morava sozinho e então perguntou se ele não queria morar com eles. Eles adotaram então o Big Maicon.”

**“Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça glorificarão sempre o caçador.”**

Provérbio Africano.